

A RETÓRICA EM *O CRIME DO PADRE AMARO*

Ânderson Rodrigues Marins (UERJ)
profandermarins@hotmail.com

1. *Introdução*

No romance *O Crime do Padre Amaro*, do escritor português Eça de Queirós (1845-1900), reside a exposição do comportamento pernicioso não só dos padres, mas também do clero em geral. Entre as principais ideias discutidas ao longo da obra identificam-se, ainda: aliança entre a igreja e os políticos, troca de favores para conquista de benefícios, valorização da ciência e das teorias vigentes na época, crime sem castigo, homossexualismo, miséria, casamento por interesse.

O presente artigo analisa os principais comportamentos das personagens e os tipos de discursos utilizados por elas, e para esse fim adotamos por base a retórica antiga de Aristóteles¹ e os métodos de elaboração da linguagem persuasiva. Assim é que, estando a par de que todos os homens se empenham dentro de certos limites em submeter a exame ou sustentar uma tese, em apresentar uma defesa ou uma acusação, analisamos como isso é realizado pelas personagens do romance.

2. *Intencionalidade discursiva*

O homem utiliza diariamente a *linguagem* nas relações com outros indivíduos como um instrumento de ação carregado de *intencionalidade*. A linguagem torna-se o mecanismo necessário para a interação social, transmitindo pensamentos, vontades, experiências,

¹ Atente-se para a definição da Retórica dada por Aristóteles (1996, p. 33): Assentimos que a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir; por exemplo, a Medicina, sobre o interessa à saúde e à doença, a Geometria, sobre as variações das grandezas, a Aritmética, sobre o número; e o mesmo acontece com as outras artes e ciências.

tentando assim envolver o destinatário na consciência interior do locutor, a fim de que participe da sua realidade e de seu conhecimento de mundo².

Quando há o ato interativo, o locutor tem, necessariamente, determinados objetivos e propósitos, que vão desde a básica intenção de estabelecer ou manter o contato com o receptor até a de levá-lo a partilhar de suas opiniões ou a agir ou comportar-se de determinada maneira. Pode-se notar facilmente que a intencionalidade tem estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*. Essa intencionalidade no discurso é realizada através de argumentos. E é nesse *discurso argumentado* que há pretensões (KOCK, 2007; NOGUEIRA, 2007).

Além desse discurso argumentado, o romance é, *ab initio*, impregnado de um *discurso filosófico-questionador* (GARCIA, 2003), que se revela como que à procura de saber a verdade por trás dos fenômenos, das aparências, das verdades estabelecidas, das crenças generalizadas:

Foi no domingo de Páscoa que se soube em Leiria que o pároco da Sé, José Miguéis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O pároco era um homem sanguíneo e nutrido, que passava entre o clero diocesano pelo *comilão dos comilões*. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da Botica – que o detestava – costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

– Lá vai a jiboia esmoer. Um dia estoura!

Com efeito, estourou, depois de uma ceia de peixe – à hora em que defronte, na casa do doutor Godinho que fazia anos, se polcava com alarido. Ninguém o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão; tinha os modos e os pulsos de um cavador, a voz rouca, cabelos nos ouvidos, palavras muitos rudes (QUEIRÓS, 1991³, p. 13).

² Consideramos relevante apontar aqui as três funções essenciais da linguagem: *representação mental*, *exteriorização psíquica* e *interação social*. A primeira está ligada ao fato de o ser humano poder demonstrar a sua compreensão das coisas que o cercam, isto é, do mundo em que vive; quanto à segunda compreende-se que é o ato de ele exprimir o pensamento com o objetivo de se fazer entender e, dessa forma, participar com os outros da vida comum; e a terceira, por sua vez, refere-se ao fato de o ser humano estar integrado em uma comunidade, na qual o ato de sugestionar é recíproco entre os membros da sociedade.

³ Todas as citações serão dessa edição.

Percebe-se, facilmente, que a reboque da riqueza de detalhes, da caracterização científica de personagens, emite-se, mediante um *discurso filosófico-questionador*, uma evidente crítica social. Essa crítica, na verdade, alia-se ao propósito assumido por Eça de Queirós de escrever, em coerência com as teorias do Realismo - que procurava ver esteticamente os problemas sociais, como alguém que se pusesse num camarote a analisar com binóculos as chagas sócias, ou quando delas se aproximasse, fizesse-o com luvas de pelica – e com as ideias aceitas, obras de combate às instituições vigentes (Monarquia, Igreja, Burguesia) e de ação e reforma social (MOISÉS, 2003, p. 192-5).

Existem outros exemplos nos quais encontramos confirmações do que até então vimos afirmando. No que reproduzimos abaixo, ficam manifestos os desejos carniais cometidos pelo Padre Amaro – que pecava por desejar Amélia –, reflexo do péssimo comportamento do clero:

Amaro achava aquelas unhas admiráveis, porque tudo que era ela ou vinha dela lhe parecia ser perfeito; gostava da cor dos seus vestidos, do seu andar, do modo de passar os dedos pelos cabelos, e olhava até com ternura para as saias brancas que ela punha a secar à janela do seu quarto, enfiadas numa cana. Nunca estivera assim na intimidade de uma mulher. Quando percebia a porta do quarto dela entreaberta, ia resvalar para dentro olhares gulosos, como para perspectivas de um paraíso: um saiote pendurado, uma meia estendida, uma liga que ficara sobre o baú, eram revelações da sua nudez, que lhe faziam cerrar os dentes, todo pálido. E não se saciava de a ver falar, rir, andar com as saias muito engomadas que batiam as ombreiras das portas estreitas. Ao pé dela, muito franco, muito langoroso, não lhe lembrava que era padre: o Sacerdócio, Deus, a Sé, o Pecado, ficavam embaixo, longe; via-os muito esbatidos do alto do seu enlevo, como de um monte se veem as casas desaparecer no nevoeiro dos vales; e só pensava então na doçura infinita de lhe dar um beijo na brancura do pescoço, ou mordicar-lhe a orelhinha (p. 57).

3. *Elementos do discurso retórico*

Pode-se afirmar sem reservas que todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si, o que, consequentemente, é inferido pelo interlocutor. Assim, o *ethos* era designado pelos antigos como a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório. O *ethos*, então, está vinculado aos traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório –

pouco importando sua sinceridade – para causar boa impressão. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo. Aristóteles afirma em sua *Retórica* que é ao caráter moral que o discurso deve, por assim dizer, quase todo seu poder de persuasão. A título de exemplo, basta lembrarmos as tramas enganosas tecidas pelo padre Amaro para conquistar Amélia, do partido do sedutor inconsequente e o da mulher disponível e ingênua que acredita no discurso vazio e enganador de galã que se valoriza: Amaro com sua pretensa ligação direta com Deus.

O *logos* (a ideia, o conceito) existente na mensagem é carregado de um *discurso emocional*, o qual pode persuadir, ao apelar-se para emoção e não para a razão, quando *vazio de significado* (GARCIA, 2003).

Exemplo significativo tem-se a seguir:

– E Amaro despeitado, descontente também por não a ter visto nessa manhã à missa das nove, resolveu “pôr tudo a claro numa carta de sentimento”; e preparava os períodos sentidos que lhe deviam ir resolver o coração, passeando pela casa, juncando o chão de pontas de cigarro, a cada momento curvando sobre o Dicionário de Sinônimos.

Ameliuzinha do meu coração: (escrevia ele). Não posso atinar com as razões maiores que a não deixaram responder ao bilhete que lhe dei em casa da senhora sua mamã; pois que era pela muita necessidade que tinha de lhe falar a sós, e as minhas intenções eram puras, e na inocência desta alma que tanto lhe quer e que não medita o pecado.

Deve ter compreendido que lhe voto um fervente afeto, e pela sua parte me parece, (se não me enganam esses olhos que são os faróis da minha vida, e como a estrela do navegante) que também tu, minha Ameliuzinha, tens inclinação por quem tanto te adora, pois que até outro dia, quando o Libânio quinou com os seis primeiros números, e que todos fizeram tanta algazarra, tu apertaste-me a mão por baixo da mesa com tanta ternura, que até me pareceu que o céu se abria e que eu sentia os anjos entoarem o hosana! Por que não respondeste pois? Se pensas que o nosso afeto pode ser desagradável aos nossos anjos da guarda, então te direi que maior pecado cometes trazendo-me nesta incerteza e tortura, que até na celebração da missa estou sempre com o pensar em ti, e nem me deixa elevar a minha alma no divino sacrifício. Se eu visse que este mútuo afeto era obra do tentador, eu mesmo te diria: oh, minha bem amada filha, façamos o sacrifício a Jesus, para lhe pagar parte do sangue que derramou por nós! Mas eu tenho interrogado a minha alma e vejo nela a branquidão dos lírios. E o teu amor também é puro como a tua alma, que um dia se unirá à minha, entre os coros celestes, na bem-aventurança. Se tu souesses como eu te quero, querida Ameliuzinha, que até às vezes me pare-

ce que te podia comer aos bocadinhos! Responde pois e dize se não te parece que poderia arranjar-se a vermo-nos no Morenal, pela tarde. Pois eu anseio por te exprimir todo o fogo que me abrasa, bem como falar-te de coisas importantes, e sentir na minha mão a tua que eu desejo que me guie pelo caminho do amor, até aos êxtases de uma felicidade celestial. Adeus, anjo feiticeiro, recebe a oferta do coração do teu amante e pai espiritual. (p. 94-5)

Apelando para a emoção, revestido de um *ethos* sedutor, Amaro organiza o pensamento e a linguagem, os quais podem servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende. A prática persuasiva está a serviço de um partido, de uma ideologia, de uma verdade. No caso de Amaro, de fato, o partido de um sedutor inconsequente.

Já em relação à personagem Amélia, encontra-se um traço do carácter feminino frequente na ficção literária: a ambiguidade, derivada da dissimulação e da astúcia (cf. EPSTEIN, 1993, p. 107), como se percebe facilmente no fragmento abaixo:

E Amaro não sabia, quando passeava agitado pelo seu quarto, que ela em cima o escutava, regulando as palpitações do seu coração pelas passadas dele, abraçando o travesseiro, toda desfalecida de desejos, dando beijos no ar, onde se lhe representavam os lábios do pároco.

[...]

Desde domingo vivia atordoada. Sabia bem que a *donzela inexperiencede* a que aludia o *Comunicado* era ela, Amélia, e torturava-a o vexame de ver assim o seu amor publicado no jornal. Depois (como ela pensava, mordendo o beijo numa raiva muda, com os olhos afogados de lágrimas), aquilo vinha estragar tudo! Na Praça, na Arcada já se diria com risinhos perversos: – “Então a Ameliazita da S. Joaneira metida com o pároco hem?” Decerto o senhor chantre, tão severo em “coisas de mulheres”, repreenderia o Padre Amaro... E por alguns olhares, alguns apertos de mão, aí estava a sua reputação estragada, estragado o seu amor!

E Amélia, que ficara branca como a cal, teve imediatamente a certeza que o pároco, aterrado com o escândalo do jornal, aconselhado pelos padres tímoratos, zelosos “do bom nome do clero” – tratava de se descartar dela! Mas, cautelosa, diante das amigas da mãe, escondeu o seu desespero; foi mesmo sentar-se ao piano, e tocou mazurcas tão estrondosas – que o cônego, tomando a mexer-se na poltrona, grunhiu:

– Menos espalhafato e mais sentimento, rapariga! (p. 73, 104-5)

Assim, a personagem pode forjar comportamentos, inventar mentiras e dissimular atitudes para fugir às consequências ocasiona-

das pelos seus atos. Mas como ver esta dissimulação? Negativamente, como traço inferior de caráter ou como estratégia de combate do mais fraco?

Filha de dona Augusta Caminha (a S. Joaneira), Amélia não conheceu o pai e foi educada em ambiente clerical, pois sua mãe recebia frequentes visitas de padres e de outros membros da igreja. Romântica e sonhadora, pode-se dizer que a personalidade e o caráter de Amélia são um espelho de sua criação. Ela ama, por assim dizer, a figura do padre e não o homem.

À luz das reflexões de Garcia (1999, p. 307) é a *simples inspeção* (ausência de análise dos fatos ou análise superficial deles) que nos leva a pronunciamentos motivados por impulsos afetivos, a expressão de sentimentos e não a juízos pautados pela razão. É exatamente o que se vê a seguir:

Amélia ficou na sala de jantar até tarde fazendo o rascunho da carta. Dizia:

SR. JOÃO EDUARDO

A mamã cá me pôs ao fato da conversação que teve consigo. E se a sua afeição é verdadeira, como creio e me tem dado muitas provas, eu estou pelo que se decidiu com muita boa vontade, pois conhece os meus sentimentos. E a respeito de enxoval e papéis, amanhã se falará, pois que o esperamos para o chá. A mamã está muito contente e eu desejo que tudo seja para nossa felicidade, como espero há de ser, com a ajuda de Deus. A mamã recomenda-se e eu sou

A que muito lhe quer

Amélia Caminha.

Apenas fechou a carta, as folhas de papel branco espalhadas diante dela deram-lhe o desejo de escrever ao Padre Amaro. Mas o quê? Confessar-lhe o seu amor, com a mesma pena, molhada na mesma tinta, com que aceitava por marido o outro?... (p. 107).

Pela razão, Amélia sabia que deveria se afastar de Amaro; pela emoção, não era capaz de resistir a essa ideia. Corrobora-se, então, como traço do caráter de Amélia a dissimulação.

É possível identificar, facilmente, no discurso empregado por Amélia, uma *modalização do discurso*. Esse tipo de estratégia persuasiva consiste em organizar o discurso de tal modo que ele não sirva a nenhum outro propósito senão o de também convencer, persuadir o

ouvinte. E para tanto, foram utilizados a *diretividade* – o falante diz claramente ao ouvinte o que fazer – e a *assertividade* – o falante sequer aventa possibilidades de dúvidas ou de negativas (GARCIA, 2006, p. 9).

No contexto em que foi empregada, a *modalização* serviu para aprazer o João Eduardo que, desconfiado do envolvimento de Amélia com Amaro, fizera uma crítica anônima ao clero no jornal "A Voz do Distrito". Esse ato, quando descoberto, faz com que o rapaz perca o emprego, a noiva, e passe a ser tratado como um excomungado na cidade de Leiria. Como sabemos, sua situação só não ficou pior porque começou a trabalhar como educador dos filhos do senhor Morgado, que também não gostava muito do clero.

João Eduardo – rapaz alto, pele branca e um belo bigode pequeno muito negro, caído aos cantos, que ele costumava morder com os dentes – é um personagem usado por Eça para denunciar o jogo de interesses e a politicagem, pois sempre sonhou em conseguir um emprego melhor por meio de favores de pessoas influentes. Trabalhava como escrevente no cartório do Nunes e era noivo de Amélia que, por sua vez, não estava verdadeiramente interessada pelo rapaz. Lembremos, por fim, que João Eduardo detestava o clero e frequentava a igreja somente para agradar à Amélia e a sua mãe, o que vem a confirmar o seu jogo de interesses.

4. *Conclusão*

Os elementos do discurso retórico e as estratégias de elaboração da linguagem persuasiva puderam ser facilmente identificados nos discursos das personagens. Nosso estudo, evidentemente, não ambicionou esgotar o assunto, mas buscou aplicar parte dessas teorias em um rico romance, assim como o mesmo pode ser feito em outros gêneros textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, Ruth. *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. Disponível em: <<http://www.americanas.com.br/produtos/manuais/833282.pdf>>. Acesso em: 09/12/2009.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Arte & manhas da ironia e do humor*. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/posletras/publicacoes.htm>>. Acesso em: 09/12/2009.
- EPSTEIN, Issac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- GARCIA, Afrânio. *Estratégias de persuasão*. Rio de Janeiro: O Autor, 2006.
- _____. *Tipos de discurso*. Rio de Janeiro: O Autor, 2003.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 17. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *Relação de força: história, retórica, prova*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coerência textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- MARINS, Ânderson Rodrigues. Discurso da narrativa e ensino. **In:** *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CEFIL, Vol. XII, Nº6, 2008, p. 40-6.
- NOGUEIRA, Andréa Scavassa Vecchia. Algumas considerações sobre a linguagem persuasiva. *Jus Navigandi*. Teresina, ano 11, nº 1316, 7 fev. 2007. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=9467>>. Acesso em: 05/01/ 2010.

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*. São Paulo: Ediouro, 1991.

TESCH, André Gabrich. *Análise do discurso religioso em O Crime do Padre Amaro*. Disponível em:

<<http://www.webartigos.com/articles/12428/1/anlise-do-discurso-religioso-em-o-crime-do-padre-amaro/pagina1.html>>. Acesso em: 08/12/2009